

Salgueiro Maia

Ficaste na pureza inicial
do gesto que se liberta e se desprende
havia em ti o símbolo e o sinal
havia em ti o herói que não se rende

Outros jogaram o jogo viciado
para ti nem poder nem sua regra
Conquistador do sonho inconquistado
Havia em ti o herói que não se integra

Por isso ficarás como quem vem
dar outro rosto ao rosto da cidade
Diz-se o teu nome e saís de Santarém
trazendo a espada e a flor da liberdade.⁷

(Manuel Alegre)

* "Salgueiro Maia é o patrono da "Coleção Visitável da Cavalaria Portuguesa" que, desde 2009, pode ser apreciada no quartel de Abrantes, para onde se mudou a Escola Prática de Cavalaria (EPC), em novembro de 2006. Os materiais expostos foram recolhidos e cuidadosamente etiquetados e inventariados por Salgueiro Maia, retratando uma linha cronológica que se inicia na Pré-História e acaba nas participações da Cavalaria nas operações de paz internacionais"⁸.

Fontes bibliográficas:

⁴ *Idem*, p.104

⁵ *Idem*, p. 115

⁶ ALEGRE, Manuel - **O condestável da liberdade** [Em linha]. (1994). [Consult. 23 mar. 2016]. Disponível em:<<http://www.manuelalegre.com/302000/1/002729,000001/index.htm>>

⁷ Disponível na Internet em:<<http://www.manuelalegre.com/301000/1/002731,000014/index.htm>>

⁸ O museu da cavalaria que Salgueiro Maia deixou. **Diário de Notícias** [Em linha]. (2009). [Consult. 24 mar. 2016]. Disponível em:<<http://www.dn.pt/dossiers/politica/a-revolucao-de-abril/noticias/interior/o-museu-da-cavalaria-que-salgueiro-maia-deixou--1211233.html>>



Biblioteca Municipal de Ponte de Lima

Largo da Picota
4990-090 Ponte de Lima

Tel: (+351) 258 900 411

Fax: (+351) 258 900 410

E-mail: biblioteca@cm-pontedelima.pt

www.biblioteca.cm-pontedelima.pt/

[facebook.com/BibliotecaMunicipalPontedelima](https://www.facebook.com/BibliotecaMunicipalPontedelima)



Biblioteca Municipal de Ponte de Lima

**CINEMA
HISTÓRIA**
**Um mês, um facto,
uma personalidade.**



Salgueiro Maia | 1944 - 1992

PARTE II

Salgueiro Maia: o herói incontestável de abril

1974 - Unanimemente mobilizados pelo discurso honesto e carismático de Salgueiro Maia, os 240 homens da EPC, devidamente equipados, armados e providos de munições e de duas rações de combate, seguem em direção a Lisboa. A revolução está em curso. Na capital, o Rádio Clube Português é ocupado, às 04h20 da madrugada, e Joaquim



Furtado lê o primeiro comunicado do MFA. Outras posições importantes são conquistadas. A coluna comandada por Salgueiro Maia vai avançando pela capital sem resistência. A aparente indiferença geral para com os dez blindados, que percorrem livremente as ruas da cidade, permite a decisão insólita de interromper a marcha das viaturas num semáforo. Até que o capitão Salgueiro Maia grita: “Arranca, uma Revolução não para num sinal vermelho”⁴. A missão é cumprida com êxito. Chegam ao Terreiro do Paço pelas 06h00 da manhã. Tudo corre com tranquilidade. Há um episódio, porém, que faz perigar a evolução pacífica dos acontecimentos. Pelas 10h00, aproxima-se uma força liderada pelo brigadeiro Junqueira dos Reis, constituída por quatro carros de combate, uma companhia de caçadores do Regimento de Infantaria 1 e alguns pelotões de polícia militar. Diz Manuel Alegre que este é o momento supremo do 25 de abril, aquele que verdadeiramente decide o modo como tudo evoluirá. Com um gesto de enorme coragem, o capitão aproxima-se do brigadeiro com um lenço branco numa mão e uma granada de prevenção no bolso. Junqueira dos Reis dá ordem de disparo, mas nenhum dos seus homens obedece. Desorientado, o brigadeiro lança alguns tiros para o ar em jeito de desespero. Resignado retira com os poucos militares que lhe restam.

Além deste, há um outro momento de tensão registado no Largo do Carmo, onde se cerca o quartel da Guarda Nacional Republicana, que abriga Marcelo Caetano e alguns membros do seu governo. Mas também aí os acontecimentos desenrolam-se de forma ordeira e, às 17h45, o general Spínola chega ao local para aceitar a rendição do Presidente do Conselho. Este e dois outros ministros são transportados numa chaimite até ao Quartel da Pontinha. Entretanto nas ruas, por todo o país, a população sai em festejo. Grita-se, sem medo, “*Abaixo a censura!, Abaixo a Guerra Colonial! e Viva a liberdade!*”⁵. No entanto, apesar dos esforços do movimento para se evitar o derramamento de sangue - intento quase alcançado -, da sede da PIDE-DGS, último reduto de resistentes da ditadura, são disparados vários tiros sobre populares, causando quatro mortos e dezenas de feridos. De nada vale o ato de barbárie. A Revolução dos Cravos está consumada.



1975 - O pós-25 de abril é marcado por uma forte instabilidade governativa e social. Apesar de Salgueiro Maia, de volta à Escola Prática de Cavalaria de Santarém, tentar retomar velhas rotinas, vê-se compelido a apaziguar as divisões dentro do MFA sem esperar contrapartidas, cargos e mordomias. A contestação nas ruas não amaina e as divergências ideológicas acentuam-se. A 11 de março dá-se uma tentativa frustrada



de golpe de Estado, promovida pelo general Spínola, ficando Salgueiro Maia injustamente conotado com aquela ação mili-

tar gorada. Começam as ameaças, as perseguições e as injúrias. Por outro lado, persistem as lutas partidárias, manifestações, golpes e contragolpes, finalmente serenados com a eleição de Mário Soares, para Primeiro-ministro, e do general Ramalho Eanes, para Presidente da República, em 1976. Mas para Salgueiro Maia, o ambiente de ostracismo mantém-se e materializa-se na sua transferência para os Açores. De regresso a Santarém, em 1979, assume funções no Presídio Militar de Santa Margarida, “expição” que suporta com a mesma resiliência de sempre. Antes reativara a matrícula no curso de Ciências Políticas e Sociais, que concluirá com uma média de 15 valores. Em 1983 é uma das figuras agraciadas por Ramalho Eanes com a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade. Adiante receberá outras distinções.

1984 - O tempo passa e Salgueiro Maia sente uma desilusão crescente com o evoluir do processo democrático. Apesar disso continua dedicado aos estudos e a atividades de valor comunitário. Volta à EPC e, em 1985, decide adotar um bebé, Catarina. Segue-se, mais tarde, um rapaz, Filipe. Em 1988, já promovido a tenente-coronel, requer uma pensão ao Estado Português alegando “*serviços excecionais ou relevantes*” prestados à Nação. O pedido é indeferido por se encontrar alegadamente incompleto. Estranhamente, a mesma solicitação é concedida a dois inspetores da PIDE. Em 1989, é-lhe diagnosticado um cancro nos intestinos que as diversas intervenções cirúrgicas a que se submete não conseguem resolver. E a 4 de abril de 1992 desaparece - sem que lhe tenha sido feita a devida justiça - aquele a que Manuel Alegre apelidou de “*condestável da liberdade*”⁶.



*Apesar de reconhecidamente insuficiente, o retrato que aqui deixamos poderá servir de estímulo a leituras mais detalhadas acerca da vida do principal operacional do 25 de abril.